

Coro e Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti



13 — 15 set 23

13 set 23 QUARTA 20:00

14 set 23 QUINTA 20:00

15 set 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian **Lorenzo Viotti** Maestro

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

György Ligeti

Lux aeterna

c. 10 min.

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 7, em Mi menor

c. 80 min.

1. *Langsam (Adagio) – Allegro risoluto, ma non troppo*
2. *Nachtmusik I: Allegro moderato*
3. *Scherzo: Schattenhaft (Sombrio)*
4. *Nachtmusik II: Andante amoroso*
5. *Rondo-Finale: Allegro ordinario*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

György Ligeti

(Dicsőszentmárton, 1923 – Viena, 2006)

Lux aeterna

—

COMPOSIÇÃO c. 1966

DURAÇÃO c. 10 min.

Lux aeterna é uma das obras-primas de György Ligeti. De 1966, é para 16 vozes *a cappella*. Lenta e aparentemente estática, tal como o texto nos sugere, parte de um uníssono nas vozes femininas, em *pianissimo*. Pelo movimento melódico de cada uma das vozes, geralmente em pequenos intervalos, vai-se expandindo para acordes cada vez mais dissonantes, criando longos e violentos paroxismos. Depois de alguma alternância entre vozes masculinas, femininas e *tutti*, os acordes

—

Lux aeterna

Lux aeterna luceat eis, Domine:
cum Sanctis tuis in aeternum, quia pius es.
Requiem aeternam dona eis Domine:
et lux perpetua luceat eis.

complexos e dissonantes de muitas notas vão-se reduzindo gradualmente, até chegarem a um acorde de apenas duas notas, nos contraltos, de novo em *pianissimo*. O silêncio toma gradualmente conta da obra. Tornou-se uma referência da cultura moderna, pela sua inclusão (ainda que não autorizada) na banda sonora do filme *2001: Odisseia no espaço* (1968) de Stanley Kubrick.

JORGE MATTA

Que a luz eterna lhes resplandeça, Senhor:
com os teus santos para sempre, pois és bom.
Dá-lhes Senhor o eterno repouso:
e que para eles resplandeça a luz perpétua.

Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

Sinfonia n.º 7, em Mi menor

—

COMPOSIÇÃO 1904-1905

ESTREIA Praga, 19 de setembro de 1908

DURAÇÃO c. 80 min.

Composta entre 1904 e 1905, a Sinfonia n.º 7, em Mi menor, é um dos marcos da produção instrumental mahleriana. Não obstante, durante muito tempo, a sétima foi um dos marcos menos visitados da produção sinfónica do compositor boémio, devido à complexidade da sua linguagem musical, situada algures na fronteira do movimento romântico com as tendências de um modernismo latente, ambicionado por um número cada vez maior de contemporâneos de Mahler.

Do ponto de vista da linguagem harmónica, trata-se provavelmente da sinfonia mais sofisticada do compositor, povoada por dissonâncias ásperas e modulações abruptas, cuja ação conjunta exerce um efeito de dissolução das funções tonais convencionais. Neste aspeto específico, a obra dá plena continuidade à anterior Sinfonia n.º 6, em Lá menor (1904). Por outro lado, a utilização recorrente do intervalo de quarta como elemento estruturador quer de motivos e temas, quer de agregados harmónicos, traz ao idioma da Sinfonia n.º 7 um caráter distintivo, que a afasta dos cânones mais tradicionais do género. Contudo, apesar da vincada influência modernista, não deixa de prestar homenagem ao universo romântico, através de uma arquitetura global de inspiração poética que transporta o ouvinte dos contornos

sombrios do *Allegro* introdutório até à apoteose triunfante do *Allegro* final. De permeio, Mahler compôs dois singulares andamentos moderados, ambos intitulados *Nachtmusik* (“música noturna”), os quais enquadram, por sua vez, um *Scherzo* central, *Schattenhaft* (“como uma dança de sombras”). O signo da noite – ícone diletto da cultura romântica – perpassa pois toda a conceção da sinfonia, estando na origem do subtítulo “Canto da noite”, pelo qual é muitas vezes designada.

Mahler concluiu a Sinfonia n.º 7 na localidade austríaca de Toblach, durante o verão de 1905. No entanto, a obra só veio a ser estreada a 9 de setembro de 1908, em Praga, depois de Mahler ter declarado que esperaria “o tempo que fosse preciso” para assistir a este evento. As expectativas do compositor foram, de certo modo, correspondidas por uma receção respeitosa, mas não propriamente calorosa, o que se pode facilmente compreender em vista das vastas dimensões e do estilo da partitura, bastante arrojado para a época.

Desde os primeiros compassos da introdução, *Adagio*, as sonoridades refinadas e ritmicamente bem destacadas tomam conta da textura. A linha melódica irregular entoada pela trompa-tenor, virá a ser empregue noutras partes da partitura, desempenhando um papel

unificador de fundo. A introdução virá a ser sucedida por um *Allegro* de carácter marcial, em que se impõe, de imediato, o intervalo de quarta descendente. O desenvolvimento que se segue desenrola-se com base em duas secções distintas. Na primeira assiste-se ao prolongamento do movimento impetuoso da exposição, ao mesmo tempo que o material melódico e harmónico de origem é variado e ampliado. Já na segunda secção, Mahler propõe um quadro esplendoroso de imaginário bucólico, o qual vem depois a ser importunado pelo recitativo inicial da trompa-tenor. O regresso do anterior episódio *Allegro*, densamente trabalhado, encerra o andamento na tonalidade de Mi maior.

O segundo andamento, *Nachtmusik* (*Allegro moderato*, em Dó maior), constitui uma espécie de marcha lenta de carácter militar, iluminada por uma atmosfera fantástica que faz recordar alguns dos *Wunderhorn Lieder*. Segundo o amigo do compositor Willem Mengelberg, o andamento foi inspirado pelo célebre quadro seiscentista de Rembrandt intitulado *A Ronda da Noite*.

O *Scherzo* (*Schattenhaft*, em Ré menor), não esconde a sua filiação na valsa vienense, muito embora os contornos

da instrumentação sugiram, por diversas vezes, uma face grotesca e desconcertante que transfigura a recriação da dança. No centro do andamento é exposta, por três oboés, uma melodia de tipo popular, na tonalidade de Ré maior, antes do reaparecimento súbito da bizarra valsa inicial.

A orquestração do terceiro andamento, *Nachtmusik* (*Andante amoroso*, em Fá maior), integra uma guitarra e um bandolim, dois instrumentos de aparecimento muito raro neste tipo de repertório, mas que conferem uma sonoridade característica às texturas “noturnas” de Mahler.

Por fim, o efervescente *Finale* (*Rondo*, em Dó maior) é o exemplo acabado da visão progressista de Mahler, instaurando, por detrás de aparente desordem, as mais complexas inter-relações entre o material musical e a organização de um tempo psicológico cuja apreensão se revela deveras complexa e exigente, do ponto de vista do ouvinte. Na sua mescla controversa entre o trivial e o sublime, o andamento progride inexoravelmente, até à sua conclusão triunfal, sobre as ondulações maciças de semicolcheias que reúnem os sopros, a percussão e as cordas.

RUI CABRAL LOPES

Lorenzo Viotti

Na terceira temporada como Maestro Principal da Orquestra Filarmónica e da Ópera Nacional dos Países Baixos, Lorenzo Viotti dirige cinco programas de concerto diferentes no Concertgebouw de Amesterdão. A orquestra tem também agendada uma digressão na Alemanha e na Bélgica. Viotti dá também continuidade à sua colaboração com o encenador Barrie Kosky, concluindo a nova produção de *Il trittico* de Puccini, apresentada ao longo de três temporadas. Dirige ainda *Lohengrin*, a sua primeira ópera de Wagner. Em 2023-2024, na qualidade de maestro convidado, Lorenzo Viotti estará envolvido em numerosos concertos e projetos, incluindo uma digressão europeia com a Filarmónica de Viena e colaborações com a Filarmónica de Munique, a Staatskapelle Berlin, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa e a Sinfónica de Tóquio. Dirige ainda uma nova produção de *Simon Boccanegra*, de Verdi, com encenação de Daniele Abbado, no Scala de Milão, e uma reposição da produção de *Die Csárdásfürstin*, de Emmerich Kálmán, na Ópera de Zurique.

Natural de Lausanne, na Suíça, Lorenzo Viotti nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena. Paralelamente estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet, no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. No início da sua carreira, venceu prestigiosos concursos de direção, incluindo o Concurso Internacional de Cadaqués, o Concurso de Direção MDR (2013) e o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award* (2015). Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award*. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021, sendo atualmente Maestro Convidado Principal.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras.

No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris.

O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC-Music e Aria-Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

SOPRANOS
Claire Santos
Maria Isabel Fernandes
Mariana Moldão
Mónica Beltrão
Sara Afonso
Teresa Duarte

CONTRALTOS
Fátima Nunes
Joana Esteves
Joana Nascimento
Manon Marques
Margarida Simas
Rita Tavares

TENORES
Artur Afonso
Dinis Rodrigues
Francisco Cortes
Jorge Leiria
Pedro Rodrigues
Simão Pourbaix

BAIXOS
Afonso Moreira
Miguel Jesus
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalo

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea.

Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Ionel Manciu CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall
Catarina Resende*
Rui Cristão*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte
Eurico Cardoso*
Nelson Nogueira*

Orquestra Gulbenkian

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Maia Kouznetsova

Nuno Soares

Sara Moreira

Maria Inês Monteiro

Sara Farinha

Márcia Marques

Raquel Noemi*

Margarida Abrantes*

Mariana Moreira*

Bárbara Pires*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Raquel Reis

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

Catarina Távora*

Hugo Estaca*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira*

Raquel Leite*

Jorge Pereira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

Telma Mota 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

Leonídio Dykiy 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

Ana Maria Castro 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Jaime Resende 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

João Carvalho 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA*

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Richard Buckley*

Miguel Herrera*

HARPAS

Carolina Coimbra 1º SOLISTA*

Ana Aroso 2º SOLISTA*

BANDOLIM

Nuno Marques Pinto 1º SOLISTA*

GUIARRA

Gil Fesch 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Fábio Cachão

Pedro Canhoto

Inês Nunes

19 set 23

TERÇA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Mozart e Lalo

Orquestra Gulbenkian

Miguel Sepúlveda Maestro

Vera Dias Fagote

Bin Chao Violino

Wolfgang Amadeus Mozart,
Édouard Lalo

20 set 23

QUARTA 20:00 — PANTEÃO NACIONAL

Diálogos Improváveis

Coro Gulbenkian

Jorge Matta Maestro

Marco Pereira Violoncelo

John Tavener, Anne Victorino de Almeida,
György Ligeti, Carlo Gesualdo,
Giovanni Gabrieli, Gregorio Allegri,
Henryk Górecki, Josef Rheinberger

21 — 23 set 23

QUI / SEX, 20:00 / SÁB, 18:00, 21:00

GRANDE AUDITÓRIO

Schubertiades

Maria João Pires Piano

Ignasi Cambra Piano

Lilit Grigoryan Piano

Júlio Resende Piano

Ricardo Castro Piano

Thomas Humphreys Barítono

Selma Uamusse Voz

Gyula Stuller Violino

Lou Yung-Hsin Chang Violino

Antonio Meneses Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Quarteto Hermès

Judite da Silva Gameiro Cenografia e Encenação

Jean Jacques Sanchez Assistente de encenação

João Saraiva Bailarino e Anjo

Laurie Chomel Bailarina

Lili Buvat Bailarina

Joana Cornelsen Maquilhagem e Cabelos

Bárbara Magalhães Assistente de Guarda-Roupa

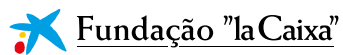
Em colaboração com a Philharmonie de Paris – Cité de la musique

Franz Schubert, Dai Fujikura,
Júlio Resende, F. Liszt,
Bongani Ndodana-Breen



Maria João Pires © FELIX BROEDE

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL

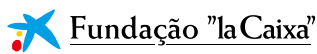


MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Setembro 2023

